

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
*Praça dos Restauradores, 43 a 49*  
LISBOA

# Augusto d'Aquino

Rua dos Correiros, 92

## Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Asiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ...

- Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghmakere
- Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
- Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
- Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
- Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
- New-York — Joseph Spiero — 11, Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

---

# CARL HARDT

## FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

## A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

**Hamburgo — Porto — Lisboa**

**Antuerpia — Porto — Lisboa**

**Londres — Porto — Lisboa**

**Liverpool — Porto — Lisboa**

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

## GUARDA-MUSICAS

NOVIDADE

DA

Casa Lambertini

— \* Modelos exclusivos \* —

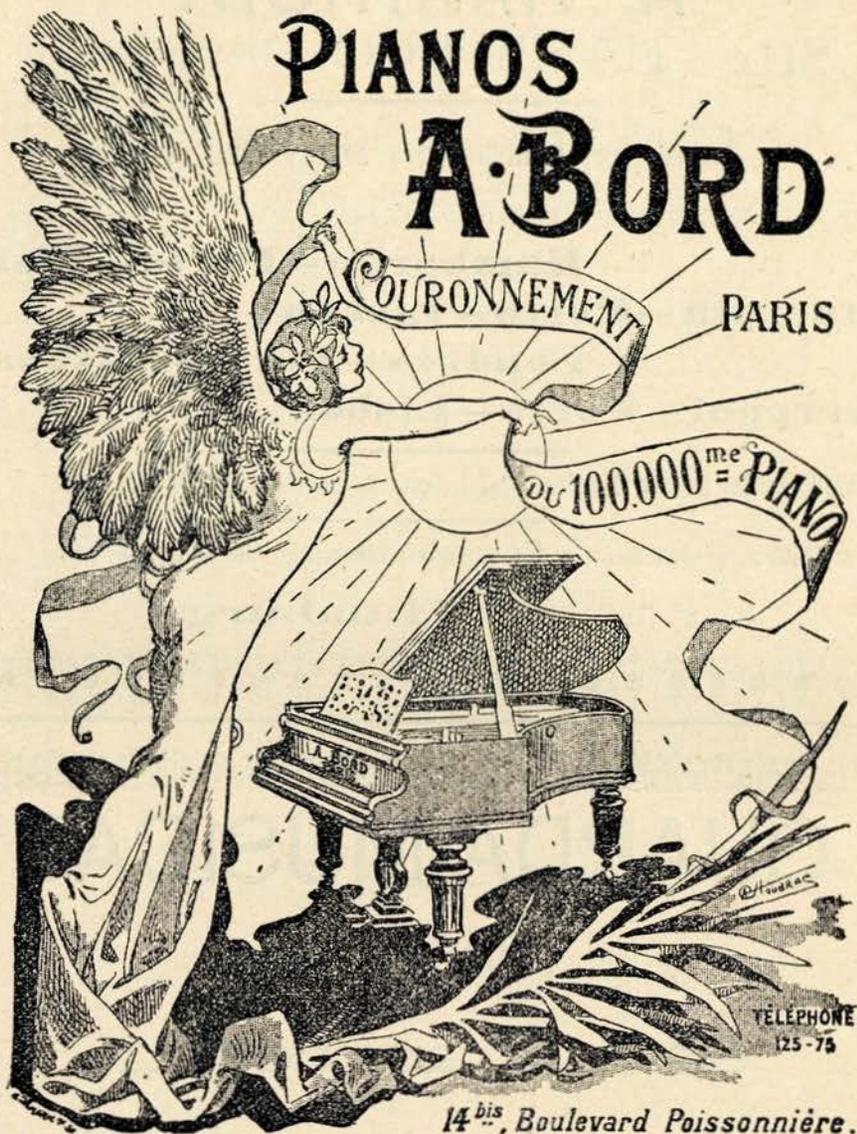
Enviam-se catalogos illustrados a quem os pedir.

SÓMENTE Á VENDA

NA

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA



14<sup>bis</sup>, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual ..... 3:000 pianos  
Produção até hoje ..... 116:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours



**A ARTE MUSICAL**  
Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração

Proprietario e director  
Michel'angelo Lambertini

LISBOA

Praça dos Restauradores  
43 A 49

Composto e impresso  
na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL  
Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO — Estudos sobre o Tristão e Isolda (continuação) — Joseph Joachim (continuação) — A adjudicação do Theatro de S. Carlos — Meridionalismo — Uma excursão a Bayreuth — Real Theatro de S. Carlos — Concertos — Bibliographia musical portugueza — Noticiario — Caixa de soccorro a Musicos Pobres.

## ESTUDOS

SOBRE O

## Tristão e Isolda

V

Tristão e Isolda! Estes dois nomes enlaçados lembram um mundo meio esquecido hoje, mas bem vivo outr'ora.

Suspiraram-os durante seculos os labios humanos; cantaram-os os bardos da Gallia, os trovadores anglo normandos e francezes, e todos ou quasi todos os povos europeus os invocaram nas suas lendas d'amor.

Em Portugal vulgarisou-se muito, nos seculos xiv e xv o romance de *Tristão e Isolda*. E' citado no Cancioneiro de D. Diniz e na lista dos *livros de uso* d'el rei D. Duarte, a par do *Livro de Galaaz*, do *Amante*, do *Merli* e de outros contos e historias da idade-media.

Assim como a lenda do Santo Graal, tão largamente explorada nas obras de Wagner e de que ha tambem indeleveis vestigios na literatura popular portugueza (1), representava a cavallaria religiosa, a conquista mistica do amor divino, a commovente historia de Tristão significava a cavallaria mundana, isto é, a nobreza humana posta ao serviço do amor terrestre, do amor-paixão, soberano dos corações.

Os bardos bretões, os menestreis e trovadores celebraram á porfia as numerosas aventuras de Tristão, sobrinho do rei Mark, e da rainha Isolda, o filtro que ambos beberam,

os seus amores na côrte do rei, a sua fuga para a gruta dos gigantes, *la fossure à la gent amant*, a sua cruel separação pelo exilio de Tristão, a travessia d'Isolda para se encontrar de novo com o amante, e a morte que os une para sempre. O fundo d'esta lenda, que é talvez o producto mais original do ardente genio celtico, é o amor-fi.tro, fatal, irresistivel, que liga irrevogavelmente dois seres, o amor que tudo vence, a honra, a familia, a sociedade, a vida e a morte, mas que se ennobrece pela grandeza e pela fidelidade, pois que em si proprio consubstancia o seu castigo e a sua justificação, a sua religião e o seu universo, o inferno e o ceu, a suprema dôr e a suprema consolação.

No pittoresco dizer de Gotfrid de Strasburgo, é o amor que junta no mesmo coração *«douce peine et joie amère, félicité et noire détresse, néfaste mort et vie divine.»*

Mantendo a base e os principaes dados da amorosa lenda, Ricardo Wagner refundiu-a e engrandeceu-a. Pondo de parte, conforme costumava, as aventuras e accessorios romancescos da obra, collocou-se de um salto no proprio centro do mytho e d'ahi creou o organismo inteiro do seu drama.

Os trez actos, em que o dividiu, não são, na sua grandiosa simplicidade, senão trez scenas gigantescas, que, ligando, confundindo duas vidas n'um só destino, se precipitam irresistivelmente para o fatal desenlace. Desappareceram os coros, os figurantes, as scenas mudas. Occupam a attenção apenas trez ou quatro personagens, que se destacam, vigorosos e altivos, d'um fundo de vibrante polichromia.

O drama começa no momento decisivo em que a acção se liga. A' violencia das primeiras scenas, em que o conflicto se produz quasi sem preparo, corresponde a rapidez da marcha dramatica em toda a obra.

(1) Na bibliotheca de Vienna d'Austria existe um manuscrito portuguez com o titulo de *Demanda do Santo Graal*.

Para maior clareza, vamos expôr em duas palavras os acontecimentos que antecedem o desenvolvimento da acção, tal como Wagner a architectou.

Conforme a lenda, ao nascimento de Tristão presidira a fatalidade do amor. O destino dos que lhe deram o ser foi a imagem do seu proprio destino — um radioso dia que acaba com uma sombria tempestade. Brancaflôr, irman do rei Mark, e outra heroína d'esse famoso cyclo poetico da *Tavola Redonda*, que tão fundas raizes deixou na nossa literatura popular da idade media, amou Rivalin, cavalleiro bretão, que se tinha fixado na côrte de Cornouailles, e onde morreu ao cabo de pouco tempo.

Para esconder o fructo d'esses amores secretos, Brancaflôr refugiou-se no castello do seu defunto amante, na Bretanha. Foi ahi que a joven, apenas protegida por um fiel servidor de Rivalin, deu á luz o filho do seu desejo e da sua dôr; deu-lhe o nome de Tristão e exalou o ultimo suspiro.

Cresceu o orphão no castello paterno, sob a vigilancia do bom Kurvenaldo. Nascera com todos os dotes que seduzem e attrahem — força, belleza, generosidade, alma ardente e corajosa, desprendimento da vida. O instincto cedo o levou para o vasto mundo; abandonou o castello e dirigiu-se para a côrte de Cornouailles, onde o rei Mark, monarcha pacifico e complacente, reconhecendo-o como filho de sua irmã, o rodeou de todos os carinhos e confortos.

Singularisou-se Tristão por um acto heroico que lhe valeu o favor do povo, o reconhecimento do rei e foros de primeira nobreza. Desde longa data que o paiz era tributario da Irlanda. Morold, temivel guerreiro irlandez e irmão do rei, ia todos os annos reclamar o pagamento d'esse tributo. O filho de Brancaflôr, desejando libertar o Cornouailles d'esse affrontoso fôro, recusou-se formalmente a pagal-o e desafiou Morold para combate singular, tirando-lhe a vida. Uma ferida, que o proprio Tristão recebeu n'esse combate, poz-lhe a vida em risco. Ninguem o sabia curar, desfallecia a olhos vistos. Diziam que só havia uma pessoa que o pudesse salvar, mas essa era a sua mortal inimiga, a sobrinha d'esse mesmo Morold que elle matara em duello, Isolda, a herdeira do throno da Irlanda. Iniciada por sua mãe na sciencia dos filtros e dos balsamos, gosava em toda a parte da fama de feiticeira. Tristão arriscou a aventura; disfarçado de bardo bretão, passou o mar em uma pobre barca de pescadores e apresentou-se no castello d'Isolda sob um nome supposto. A altiva princeza, condoida do estado miseravel em que se apresentava o falso bardo, acolheu-o com bonda-

de, escondeu-o em uma camara secreta do castello e tratou-lhe a ferida com carinhoso cuidado.

Um dia que vinha tratá-lo, reparou na espada, que elle não tinha abandonado, apesar do disfarce, e viu que tinha uma enorme falha. Lembrando-se que na cabeça de Morold se encontrara um pedaço de ferro pertencente á espada do vencedor, correu a buscá-lo e ajustandó-o na falha que apresentava a arma, reconheceu que o ferido que com tanta dedicação estava curando não era outro senão o matador de seu tio.

Levada de violenta colera, levantou a espada para o ferir, mas vendo o pobre Tristão deitado, fraco e doente deante d'ella, sentiu enfraquecer o braço e deixou cahir a arma, ser ter coragem de exercer sobre elle a menor vingança. Continuou a tratar-lhe a ferida como até ali. Pouco depois partia Tristão, inteiramente curado e jurando eterno reconhecimento á sua bemeifeitora.

Voltando a Tintaiol, conta ao rei seu tio esta aventura surprehendente e insiste na belleza, no encanto e nas virtudes d'Isolda. Ouvindo isto, os nobres do paiz, receiando em Tristão um herdeiro presumptivo ao throno de Cornouailles, supplicam ao velho rei que peça para si proprio a mão da formosa Isolda, afim de sellar a paz entre as duas nações e assegurar um successor á corôa. Ao ouvir tal proposta, Tristão guarda silencio e o rei hesita. Pela insistencia dos nobres, que o accusam de ambicioso, o nosso heroe, zeloso primeiro que tudo da sua honra, offerece-se para fazer elle proprio a viagem, para pedir para seu tio a mão d'Isolda e para lhe trazer a herdeira da Irlanda. O rei deixa-se convencer e freta-se um grande navio, que parte sob as ordens de Tristão.

Na Irlanda, toda a gente acolhe com alegria o pedido pacifico do heroe. Só uma pessoa fica aterrada, a orgulhosa Isolda.

Odeiará ella ainda o vencedor de seu tio ou não esperava vêr voltar pomposamente n'um navio d'alto bordo, escudado pelo reluzente brazão real, aquelle mesmo que ella tinha curado no segredo e no mysterio? Extranhará que a venha buscar para a entregar a um desconhecido aquelle mesmo a quem ella salvou a vida?

Ferida no seu orgulho, mas fria, impene-travel, parecendo acceitar com indifferença e resignação a sua sorte, deixa os paes sem dizer uma palavra, sem verter uma lagrima, embarca no navio de Tristão, seguida apenas pela sua fiel serva Brangania e conserva-se muda como uma estatua todo um dia e toda uma noite.

E' n'este ponto que Ricardo Wagner começa o seu drama.

## Joseph Joachim

(Continuado do n.º 215)

O festival diamantino de Joachim repercutiu-se em Londres, motivando novas homenagens em julho de 1899, quando elle se prestou gentilmente a substituir á ultima hora Paderewski, impossibilitado pelo casamento de apparecer no concerto da Sociedade Philarmonica ingleza.

Mal o nosso heroe acabara de tocar a romanza do seu Concerto hungaro, apoz uma esplendida execução do concerto de Beethoven, o distincto musico William Cummings, um dos directores da Philharmonica e director da Escola de Musica de Guildhall, subiu ao estrado, saudou o mestre em nome da sociedade, onde apparecêra em publico havia mais de cincoenta annos, e offereceu lhe, sempre em nome d'ella, uma esplendida palma de ouro dentro d'uma caixa artistica.

Joachim agradeceu em poucas palavras esta alta homenagem, que o publico recebêra com applausos estrondosos, em termos tão elevados e em attitude tão digna, que impressionou e empolgou profundamente a assembléa. O exigente Van der Straeten escreveu entusiasmado, que nunca ouvira palavras tão nobres em situação tão compromettedora e que não havia realmente senão um Joachim! (1)

N'este mez deu-se o caso rarissimo, acaso unico, de terem tocado em Londres, e no intervallo de oito dias, Joachim, Ysaye e Sarasate! A critica dispol-os na mesma ordem de meritos em que escrevemos os trez nomes, lembrando os grandes progressos d'Ysaye, que trocou o artificio da sentimentalidade pela impregnação no verdadeiro sentimento.

Não acompanharêmos a critica do tempo nos comentarios e nas comparações que então fez entre estes trez artistas e entre Joachim e Paganini. Fal-o-hemos talvez em artigo separado, quando nos dispozermos a tratar da influencia do nosso biographado sobre a Arte da sua epoca, para complemento e correctivo do livro de Moser. (2)

Em 1900 Joachim deixou de se apresentar em Londres nos Concertos Populares do cos-

tume. Atribuiu-se esta ausencia a um projecto de segundo casamento. . . A causa real foi a necessidade de algum descanso apoz um anno de tantas e tão fortes commoções.

O quartetto de Joachim foi substituido pelo de Ysaye (com Marchot, 2.º violino, Van Hout, violeta e Jacob, violoncello).

Em abril, porém registramos uma viagem á Italia em que Florença brilhou, recebendo com grandes honras a Jos. Joachim, que ali foi levado pelo illustre marquez de Piccolellis, director da Sociedade Cherubini e autor de apreciados trabalhos sobre a historia dos instrumentos de corda. Tocou com o eminente pianista Buonamici a *sonata* a Kreutzer de Beethoven, a *sonata* op. 78 de Brahms, a sua *romança* e as dansas húngaras de Brahms, tornando o concerto inolvidavel.

Outras cidades da Italia foram honradas com a visita de Joachim, que de todas recebeu as maiores homenagens, tanto mais que era a primeira vez que as visitava e teve de ser, infelizmente, a ultima!

Em setembro brilhou com o Concerto em *lá* de Mozart no festival de Hovingham, no Yorkshire, dirigido pelo conego Pemberton; e em novembro deu grande realce ao segundo concerto da capella de Meiningen, dirigida por Fritz Steinbach, em Berlim, tocando magistralmente o *concerto* em *re* maior de Mozart, apezar de certas incertezas á entrada do movimento inicial. A seguir tocou impecavelmente o *concerto* de J. S. Bach para dois violinos com Carl Wendling, concertino d'aquella orchestra, seu antigo discipulo, irmão do actual regente da orchestra da Real Academia dos amadores de Lisboa e professor do nosso Conservatorio.

Em dezembro dirigiu a orchestra n'um *concerto* da Singakademie em Berlim, em que a sua discipula Gabriella Wietrowitz revelou grande talento na execução do 3.º *concerto* de Max Bruch, na Chaconne de J. S. Bach e no *concerto* hungaro de Joachim.

Em janeiro de 1901 ouvimos-o — mais uma vez no Gewandhaus de Leipzig tocando o *concerto* em *ré* maior de Mozart, que em setembro anterior executara em Berlim com a capella de Meiningen, e, por signal, com a mesma indecisão no primeiro andamento. No resto, porém, admiravel.

Notemos de passagem que estas viagens fora de Berlim em nada prejudicavam a regularidade das suas funções officiaes e dos concertos do seu quartetto, que mantinha sempre, apesar da idade avancada do mestre, uma alta cotação. A proposito do terceiro d'estes concertos em fevereiro d'este anno escrevia um critico, «que não se poderiam tocar melhor as variações de Schubert do quartetto em *ré* menor».

(1) No *Strad*, vol. X, pag. 69, col. 1.

(2) Andreas Moser — *Joseph Joachim, Ein Lebensbild* 1 vol. em 8.º, ed. artistica e ed. popular, livro capital sobre Joachim (1831-99), que lemos em Berlim e de cujas conclusões discordamos. Ha uma excellente traducção em inglez por Lilla Durham, com introducção de Fuller Maitland, 1 vol. in 8.º illustrado, que recommendamos aos admiradores do maximo violinista, que não saibam o allemão.

O seu classisismo continuava porém — teimosamente para o publico, ansioso de variedade e ardendo por ouvir-lhe as peças dos novos — invariavel. Bach, Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Brahms, Schumann... sempre!

Em março vemol o figurando em Hannover no concerto da sr.<sup>a</sup> Lutter, que o acompanhou na *Barcarolla e Scherzo* de Spohr, em duas das dansas húngaras de Brahms, n'um adagio de Viotti, n'um *Minuetto e gavottas* de J. S. Bach e na *sonata* op. 96 de Beethoven; e de 21 e 23 no festival de Bach realisado em Berlim sob a sua direcção, em que tocou na Singakademie com os membros da Hochschule uma sonata de Bach e um *concerto* do mesmo em ré para violino, piano, flauta e orchestra com George Schumann ao piano e Van Leeuwen na flauta sob a batuta de Rebicek.

Em abril o generoso violinista associou se ao trio de Barth, Wirth e Hausmann, tocando com Barth a *sonata* op. 96 de Beethoven e com todos o quintetto de piano de Schumann e o octetto de Schubert, cuja Preghiera foi considerada como «um triumpho da Arte musical!»

Egual serviço prestou ao *concerto* annual da orchestra da Philharmonica em beneficio das suas pensões, em que tocou com lady Hallé (Wilhelmina Neruda) o concerto de Bach para dois violinos.

Em maio foi o quartetto Joachim a Londres em circumstancias especiaes. A idade do *imperador dos violinistas* (assim lhe chamavam) e o receio de que o tempo lhe tivesse prejudicado os immensos recursos, senão tambem a ardencia da inveja que lhe procurava defeitos, tinham dado margem a boatos de que o mestre desafinava e já não tinha a quantidade e a qualidade de som antigos.

Desillusão completa, para a inveja e para a calunnia! Prazer intenso para os seus admiradores sinceros! Joachim era o mesmo; quer no adagio, como o provou nos ultimos quartettos de Beethoven; quer na firmeza e vivacidade dos andamentos vivos como demonstrou no *presto final*, chamado da *gaita de folles* d'um dos quartettos de Haydn.

A unidade absoluta do quartetto, em que todos e cada um deram a mesma interpretação a todos e a cada um dos andamentos, das peças e dos auctores, provou tambem que o quartetto continuava a ser o primeiro do mundo.

(Continúa.)

CARLOS DE MELLIO.



## A adjudicação do Theatro de S. Carlos

Terminando na presente época o contracto com a empresa Pacini para a exploração do theatro de S. Carlos, determinou o ministro do reino que o conselho musical do Conservatorio organise, em curto praso, um projecto de programma para o concurso em que ha de adjudicar-se a referida exploração, tendo em vista harmonisar praticamente os interesses do Estado, da arte musical e do publico.

Folgamos devéras com esta resolução, que, dada a alta competencia das entidades que constituem esse corpo consultivo, permitirá assegurar, no futuro, ao theatro de S. Carlos um papel activo no desenvolvimento da nossa arte. Para obter esse *desideratum* muitas e importantes modificações se vão decerto introduzir no actual caderno de condições, deficiente em muitos pontos e anti artistico em quasi todos. Não só anti artistico, mas principalmente anti-patriotico. Está decerto no espirito de todos os illustres membros d'esses conselhos, a par de muitas outras salutareas reformas, a introducção de duas clausulas, que a todos se affiguram decerto capitais.

Seria a primeira a de uma preferencia efficaç e pratica aos artistas portuguezes, para a constituição da orchestra do theatro. Não ha por ora em Lisboa professores sufficientes para completar a orchestra, com elementos exclusivamente nacionaes. E' certo, infelizmente. D'onde vem a causa d'essa escassez de bons artistas? Da falta de escola? Talvez. Da falta de protecção? Com certeza.

Mas o que é indiscutivel é que até aqui os empregarios do theatro de S. Carlos tem tido a mão tão demasiadamente livre que manobram os pobres musicos, como se fossem titeres. Se se limitassem a escripturar os artistas estrangeiros que se julgam precisos para a boa organisação da orchestra, ainda se comprehendia; mas o peor é que preferem muitas vezes o estrangeiro, mais caro e peor, para manifestar uma auctoritaria independencia ou para pôr em pratica um simples capricho. Não tivemos já no theatro de S. Carlos a orchestra *toda estrangeira*? Amanhã podemos tel-a outra vez, se o empregario se lembrar d'isso, e então o artista portuguez, além do seu ganha-pão, perderá todo o estimulo do trabalho vendo fugir-lhe a unica occasião de conviver com a sua arte.

Unica, decerto; porque nos animatographos e nos theatros de segunda ordem não fará senão avariar a bagagem artistica com que porventura tenha sahido da escola!

A segunda clausula a que nos quizemos referir está também no espirito de todos os que amam a sua terra e a quem vê prosperar artisticamente. Trata-se da opera portugueza. Queixamo-nos ás vezes de que o nosso paiz não produz compositores. Deviamos antes lastimar que não produza compositores-millionarios, porque em verdade para que um musico portuguez consiga vê cantada uma opera sua, precisa primeiro que tudo fazer-se banqueiro ou capitalista, o que nem sempre é facil. Quasi todos os musicos, que n'estes ultimos dez annos conseguiram vê o seu nome no *cartellone* do lyrico, poderiam dizer nos alguma cousa d'interessante n'esse particular. Bastaria pois que o empresario tivesse no seu contracto a obrigação de dar annualmente *uma* opera nova estrangeira e uma opera portugueza, nova ou velha, para se abrir uma grande porta aos musicos nacionaes e um poderosissimo estimulo para todos os que entre nós querem progredir no estudo da composição musical.

Dissemos propositadamente *uma* opera estrangeira. Para que mais? Muitos annos haveria em que, se quizessemos escolher em toda a produção lyrico-dramatica do estrangeiro alguma cousa de verdadeiramente valioso e digno de um publico que precisa educar-se, nos encontraríamos em serios embarços. E talvez então lançássemos mão d'uma das *Iphigenias* ou do *Fidelio*... que, por serem archivelhas, não deixariam de ser para o nosso publico de uma virginal novidade.

24 de dezembro.

L.

## O Meridionalismo

Quem attentar na carencia quasi absoluta, entre nós, de iniciativas largas, em qualquer dos dominios da actividade cerebral, póde, sem medo de errar, attribuil-a a causas multiplas em que a ignorancia, a inveja, a *pruderie*, a rotina, o snobismo conservador se dão familiarmente as mãos, como pessoas amigas e respeitaveis, n'uma *roda* que todos os dias se encontra aqui e ali — nos passeios matinaes, no chá das cinco horas, ao jantar, no espectáculo...

Mas estou convencido de que se esqueceu, esse observador inconveniente e inoportuno, d'um factor de primeira grandesa, talvez o maior, para esta estagnação em que mais ou menos apodrecemos intellectualmente, materialmente e... (o que ainda é mais temeroso) moralmente.

Qualquer de nós considera-se, como particular da collectividade portugueza, o individuo menos apto á sequencia regular d'um proposito qualquer.

Esta inercia do corpo, que se remirá e se reflecte na inercia da vontade que se chama preguiça e na inercia das aspirações que se chama descrença, invade-nos, penetra-nos como fluido capitoso e amolcedor irradiado do grande fóco que é o *nosso meridionalismo*.

O nosso meridionalismo!

Synthese d'energias obliteradas, atravez os seculos, no depauperamento do sangue, na sensibilidade doentia, a um tempo romantica e lyrica, que nos transporta á região do sonho permanente ao longo da paisagem paradisíaca dos nossos vales uberrimos e largas encostas batidas d'um sol doirado, sobraçando os grandes pergaminhos vetustos da nossa ascendencia de magnates, revolvendo, elaborando no cerebro a nossa lenda heroica de batalhadores, navegantes e amorosos: victimas todos nós, mais ou menos, da predestinação suprema que nos ha de entrar em casa, uma bella manhã, sob a forma aurea, tilintante, caudalosa da *sorte-grande*, justamente na occasião em que a nossa guitarra gemer os seus accordes mais sentidos e a nossa voz, «com trinados na garganta», estiver «espantando o seu mal» immenso e secular!

HEMETERIO ARANTES.

## Uma excursão a Bayreuth

Quando empprehendemos a organização d'este passeio artistico, de tão elevado alcance educativo e de tão significativa utilidade para a maioria dos nossos amadores, não faltou quem sorrisse da extravagancia, ou pelo menos da audacia do projecto.

Bayreuth não é positivamente *ao pé da porta*, diziam-nos; isso custa os olhos da cara, etc. O argumento não era de facto para despresar e convinha estudar seriamente a questão sob o ponto de vista financeiro, já que pelo lado do interesse artistico se não podiam dividir as opiniões.

Ora toda a gente sabe que a viagem a Paris, sobretudo actualmente com a commodidade de expresso, é, para nós outros portuguezes, a cousa mais simples do mundo. Depois, Paris é uma irresistivel attracção para nós e difficilmente comprehendemos a viagem que não tenha por principal objectivo Paris e sempre Paris. De facto esta terra

maravilhosa converte-se aos olhos de quasi todos em *terra de promissão*. E assim tem mais ou menos que ser sempre, porque na capital da França se encontram, em maior ou menor grau, mas excepcionalmente reunidas no mesmo local, as manifestações mais variadas e antagonicas do espirito do homem.

Imaginemos pois um momento que o nosso excursionista se propoz a ir a Paris, seguindo a forma tradicional. A digressão d'ahi a Bayreuth é questão de pouco tempo e de pouco dinheiro; e a esse proposito vejamos o que diz o Lavignac (1), que é como quem diz o Bedecker da cidade wagneriana.

A viagem de Paris a Nuremberg (2) custa 66 marcos, ou sejam 14\$850 réis ao par, e dura vinte e quatro horas. Se pensarmos que as despesas de estadio em Bayreuth podem



BAYREUTH — THEATRO DAS FESTAS

limitar-se a uma duzia de francos por dia, havemos de concordar que são ainda os bilhetes de ingresso no theatro a maior despesa (3), e estes foram comprados com tanta antecedencia que, por essas alturas... já não lembram.

Posta porém de parte a ideia da viagem a Paris, simplificam-se as cousas.

Um dos confortaveis vapores da *Hamburg Amerika Linie* tomará em Lisboa os excursionistas e deixal-os ha em Hamburgo, d'onde o caminho de ferro os conduzirá em 14 horas a Bayreuth. Reduzida assim a viagem ás suas proporções mais simples, pode computar-se a sua despesa total em uns 50\$000 réis, cifra redonda.

Dados estes esclarecimentos, de ordem

(1) *Le voyage artistique à Bayreuth* (Ed. Delagrave).  
(2) A duas horas e vinte minutos de Bayreuth. Freqüentes comboios.

(3) Uma libra em ouro cada noite.

pratica, cumpre accentuar que a iniciativa da *Arte Musical*, promovendo uma excursão a Bayreuth em 1908, não se cifra em um simples *passeio de recreio* para amadores de musica. Foi inspirado esse commettimento principalmente no desejo de iniciar os nossos amadores de musica dramatica no conhecimento da expressão mais pura, completa e intensa que o drama lyrico reveste no actual momento. Reputamos isso da maior necessidade. Porque o que em S. Carlos se nos dá não é o verdadeiro Wagner; é um Wagner atenuado, baptisado, tratado á maneira dos vinhos feitos a martello, com muita coloração falsa, boga de sabugueiro e quasi sempre sem o verdadeiro principio que dá o nome á mercadoria. Tratado enfim de maneira que não contraste de todo com as *Bohèmes* e as *Toscas*, que teem sido até hoje o nosso prato de resistencia em materia de opera.

E' tempo de nos desviarmos d'esse caminho; é tempo de reflectir no que vae por esse mundo e ver que não havemos de ficar eternamente encarcerados na *turris eburnea* do nosso bolorento italianismo.

Por isso e para que a excursão á celebre cidade bavara revista uma absoluta utilidade educativa, pensou a *Arte Musical* que havia mister de uma preparação previa que permittia, áquelles que se propuzerem á viagem de Bayreuth, crear a precisa atmospha intellectual para receberem, com proveito, uma tão alta lição esthetica. Foi essa a ideia que presidiu á organização das seis *Conferencias-Concertos*, que brevemente se vão realisar e em que será largamente estudada a obra wagneriana, e muito especialmente as operas ou dramas lyricos que se vão ouvir em Bayreuth.

Dizer que será Antonio Arroyo, uma das nossas primeiras auctoridades em critica de arte, quem terá a direcção suprema d'essas *Conferencias-Concertos* equivale a garantir que toda a nossa Lisboa artistica assistirá a ellas com verdadeiro enlevo.

A inscripção para a excursão e conferencias ou simplesmente para estas pode fazer-se desde já na nossa administração.





No dia 18 do corrente reabriu o nosso teatro lirico com uma das partituras que ainda não logrou ser comprehendida pela grande maioria dos frequentadores de S. Carlos. O *Sansão e Dalila* não é opera para entre nós atrair publico. A enorme quantidade de tocadores de piano e rabeca que por toda a parte nos persegue não vai em geral além da comesinha interpretação d'uns trechos musicaes de efeito seguro em auditorio familiar. Os classicos são motivo de enfado para o aluno que nas exigencias do programa tem de aturar o estudo de taes maçadas. Fóra da classe artistica ha muito pouco quem tenha tido a coragem de fazer uns estudos de harmonia e muito menos ainda quem esteja iniciado nos misterios da fuga. É o *Sansão e Dalila*, com a sua fuga a quatro vozes, o canon e o estilo liturgico, é partitura que para ser bem comprehendida precisa de conhecimentos musicaes acima do vulgar. Os bailados dos 1.º e 3.º actos salvam a situação e servem de distracção aos que não temem com quem conversar e que cabeceariam de sono. O segundo acto, de melodia agradável ao ouvido, é principalmente impressionante na scena do dueto de amor.

Como interpretes principaes teve o *Sansão e Dalila* a sr.<sup>a</sup> Virginia Guerrini e o tenór Arturo Franceschini. São velhos conhecimentos, porque em 26 de dezembro de 1902 ambos estes artistas cantaram tambem a mesma partitura em S. Carlos.

A sr.<sup>a</sup> Virginia Guerrini é uma artista de muito valôr e a sua voz tem-lhe merecido insistentes e assiduos cuidados de empostação. Conserva o timbre agradável que a distingue, assim como a bella sonoridade das notas do registo grave. As do registo medio exigem sempre uma emissão muito cuidada, a fim de lhes evitar a tendencia para falhar. Foi este o resultado de ser excedido o limite do registo grave no ponto de transição natural das notas de peito para as de cabeça.

Na interpretação da Dalila não nos parece que haja quem possa exceder a sr.<sup>a</sup> Guerrini, que como cantôra e comedianta é de superior correcção.

O tenór Franceschini está sensivelmente o mesmo artista que conhecemos em 1902. Mais senhor da voz, talvez. Sempre correcto na afinação e dizendo com facilidade, podia ser um artista de mais valôr se lhe mereces-

se algum cuidado a interpretação dramatica da personagem, que no *Sansão* tem minucias dignas de estudo e que êle descura.

Na parte de grão sacerdote de Dagão travamos conhecimento com o baritono Romboli, que nos pareceu ser um artista correcto e de muita utilidade para a empresa nestas personagens em que as responsabilidades liricas não exigem larga educação da vóz. Veremos isso depois.

No dia 20 foi cantada a *Zázá*, que só então fez a sua entrada solemne em S. Carlos.

A partitura da *Zázá* não aumenta o numero de bagas de louro na corôa de gloria com que os *Palhaços* adornaram a cabeça de Leoncavallo. E' da praxe attribuir á má concepção do poêma uma grande parte da responsabilidade nos desastres musicaes. O libretista da *Zázá* foi o proprio Leoncavallo e a escolha do assunto devia ter lhe merecido particular simpatia. No entanto, se no decorrer da partitura ha modulações e coloridos de instrumentação que nos fazem lembrar outras composições de Leoncavallo, mas que devemos considerar



Virginia Guerrini

como estilo proprio do compositor, traduzindo o seu modo de dizer, ha tambem reminiscencias das composições d'outros contemporaneos, que são um plagiato, e que Leoncavallo podia e devia ter evitado em absoluto. Para minorar a má impressão produzida no auditorio por essas desagradaveis reminiscencias não são suficientes os sonoros efeitos orchestraes, nem sempre de applicação explicavel, embora muito proprios para colorir intensamente determinadas situações e estimular aplausos. Estão no mesmo caso as romanças de tenór e de soprano, no terceiro acto, de estilo puramente italiano, escritas com o proposito de sensibilizar o publico.

A protagonista teve como interprete a sr.<sup>a</sup> Emma Carelli, que procurou dar todo o relevo possivel á psicologia da personagem, que pôe em evidencia em todas as scenas em que toma parte. Como cantôra distincta que é, já por mais de uma vez nos referimos á sr.<sup>a</sup> Carelli em épocas liricas passadas.

Debutou na parte de Dufresne o tenor Emilio Perea, artista novo, pouco habituado ao palco, com voz de timbre agradável, muito afinada, que conduz muito bem, embora de menos facil emissão nas notas agudas, dificuldade que sem esforço vencerá se continuar com os seus exercicios de vocalização. E' artista com predicados para fazer carreira e que dentro de bem poucos anos terá cotação suficientemente subida para nos impedir de o ouvirmos em S. Carlos. Basta para isso adquirir alguma pratica de palco. Com menos gordura e mais audacia subirá facilmente.

Os outros artistas que tomaram parte no desempenho da *Záza* ou são já muito do nosso conhecimento e a êles nos temos referido noutras ocasiões ou não lograram impressionar-nos agradavelmente.

Ambas as operas a que nos acabamos de referir estão postas em scena com muito cuidado e a empresa esmerou-se em apresentar o *Sansão e Dalila* com um luxo de scenario e de guarda roupa que impressiona bem. E' pena que outro tanto não possamos dizer dos córos, que primaram em se apresentar na dita opera com as costumadas desafinações e um desmazelo de caracterização muito para censurar.

Como ante-hontem não pudemos assistir á primeira recita da *Linda de Chamounix*, só no proximo numero diremos alguma coisa a respeito do seu desempenho.

28 de dezembro.

ESTEVES LISBOA.



A 10 e 14 effectuou o bandolinista Adolpho Rosa dois concertos no Porto, sendo o primeiro offerecido á imprensa no salão Moreira de Sá e o segundo no salão nobre do theatre de S. João.

Acompanhou o ao piano o distincto artista portuense Xisto Lopes.

\*

Em 17 teve logar no salão do Conservatorio a annunciada apresentação do joven pianista Agostinho Teixeira, em um bello concerto abrilhantado com a collaboração de valiosos elementos artisticos.

Agostinho Teixeira, apesar de muito moço ainda, tem promettedoras qualidades de concertista, sangue frio, brilhantismo, dicção

fogosa; outras lhe faltam ainda ou as tem em menor grau, como seja por exemplo o equilibrio rythmico, cuja falta o deixa por vezes precipitar os andamentos, prejudicando a unidade da obra e ás vezes até a sua clareza. Se não fôra este senão, que a força de vontade e o estudo modificarão em pouco tempo, a execução das suas trez peças de piano attingiria a perfeição — e muito especialmente a do *Preludio* de Bach que, apesar de tudo, foi artisticamente tocado e com tal nitidez e comprehensão que nos moveu logo ao applauso.

O trabalho de acompanhamentos de Agostinho Teixeira tambem é digno de louvor e estamos em crêr que na especialidade, ha-de vir o moço pianista a notabilisar-se entre os muitos, que com mais ou menos successo se tem consagrado a essa ardua tarefa.

A sr.<sup>a</sup> D. Palmyra Joyce, cuja voz e excellente estylo nos impressiona cada vez mais, a talentosissima violinista Camilla Casaes de la Rosa e suas intelligentes irmãs D. Margarida e D. Eleutheria, os srs. Antonio Lamas e João Passos, que respectivamente na viola d'amor e no violoncello souberam tão fortemente empolgar o auditorio, prendendo-o no indizível encanto da sua arte, longamente amadurecida pelo talento e pelo estudo — esses são já tão apreciados entre nós que pouco se ganharia em fazer-lhes mais longas referencias pessoases.

Já não diremos o mesmo de Victoriano Feyer Braga, que pela primeira vez ouviamos e que, segundo crêmos, era a primeira vez que se apresentava a cantar em publico.

Dispõe o estreiante de uma formosa voz de barytono, de timbre caricioso e notavel maleabilidade, posta ao serviço de uma intelligencia artistica nada vulgar. Vê-se que assimilou com facilidade os dictames da sua illustre professora, a sr.<sup>a</sup> D. Paulina Stegner Judice, a quem com muito prazer felicitamos pelo exito obtido pelo distincto amator.

Consta-nos que Victoriano Braga pensa em consagrar-se á carreira lyrica; não duvidamos em suppôr, dada esta auspiciosa estreia, que o futuro lhe reserve ovações egualmente ardentes e expontaneas.

\*

Com elegante e numerosa concorrência, a que presidia Sua Magestade a Rainha, deu a *Schola Cantorum* em 22 do corrente a sua duodecima audição, exclusivamente vocal, como quasi todas as que promove esta interessante instituição artistica.

Apezar da falta de madame Cardoso Joyce, que não pode comparecer — falta que nunca pode deixar de ser extremamente sen-

sível — o concerto decorreu bastante animado e foi motivo de grandes e justificados applausos para todas as distinctas amadoras que n'elle tomaram parte e para o seu illustre professor, o maestro Sarti, que é, como se sabe, o incansavel director da *Schola Cantorum* e diligente organisador dos seus bellos concertos.

Foram solistas as sr.<sup>as</sup> D. Hermelinda Cordeiro, D. Graziella da Silveira, D. Bertha Daupias, D. Maria Alarcão, D. Clara Sarti e D. Isabel Northway do Valle, cantando tambem um bello arioso da *Flavia*, do saudoso Adolpho Sauvinet, o talentoso amator Nunes Baptista.

A todos applaudimos fervosamente, sendo para notar-se o elevado criterio e tacto com que Alberto Sarti escolheu para as suas collaboradoras os trechos que mais haviam de valorisar os recursos vocaes de cada uma. N'esse sentido porém não podemos deixar de especialisar os dois lindos numeros de Strauss e Widor, ambos para nós desconhecidos, e que M.<sup>elle</sup> Daupias pôz em relevo com suprema arte e escrupulosa devoção. E é com essa devoção sentida e sincera, do interprete pela obra interpretada, e com a fina intelligencia que distingue esta illustre cantora, que se podem consubstanciar em algumas linhas de musica as mais fortes e consoladoras impressões d'arte!

D'entre os numeros de conjuncto, zelosamente ensaiados pelo professor Sarti, um houve tambem que seria injustiça não mencionar — a *Invocation* de Lalo, a que as sr.<sup>as</sup> D. Bertha Daupias, D. Graziella Silveira, D. Maria Ochôa e D. Clara Sarti imprimiram um cunho absolutamente artistico, apezar de uma que outra hesitação bem natural n'uma primeira audição e facilmente remediavel em segunda.

Os coros de Chaminade, se bem que ditos com muita segurança e calor, agradaram-nos menos que o lindo quarteto de Lalo, sob o ponto de vista da factura.

Questão de impressão pessoal, que talvez não tenha razão de ser.

\*

A 21 effectuou o maestro Roncagli, do Porto, um bello concerto d'alumnos nos salões do abastado capitalista sr. Anthero de Araujo.

Tomaram parte no concerto dois filhos do reputado professor, Roberto e Margarida Roncagli, e os seguintes alumnos: D. Alice Braga, Theodoro Diniz, Fernando Nicolau d'Almeida, D. Margarida Braga, D. Alzira Cunha, D. Bertha Moreira, D. Sophia Neves, D. Isaura Costa, etc.

Informam-nos que o exito da audição respondeu plenamente á reputação, já de ha muito firmada, do illustre professor portuense.

\*

Na mesma data fez tambem a *Real Academia de Amadores de Musica* uma sessão de alumnos, a que sentimos não ter podido assistir.

Cantaram-se coros orpheonicos sob a direcção auctorizada do Rev.<sup>o</sup> Thomaz Borba e apresentaram se discipulos das aulas de canto, violino, violoncello e piano, respectivamente regidas pela sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Sanguinetti e srs. Jorge Wendling, Cunha e Silva e Eugenio Costa.

Como peça de conjuncto, além dos coros que eram composição do proprio regente, executou-se um andamento de um *Trio* de Mozart pelos talentosos alumnos Sebastião Devecchi Neves, Isabel Devecchi Neves e Fernando d'Almeida Machado.

\*

No dia 29 uma linda tarde de musica no elegante palacete dos srs. Ferreira Marques, a que sentimos não poder fazer mais largas referencias, por absoluta escassez d'espaco.

Não nos soffre porém o animo deixar de alludir, com o respeitoso applauso que é devido ao seu primacial talento, á illustre dona da casa, a sr.<sup>a</sup> D. Sarah Motta Vieira Marques, que no *Roi des Aulnes* de Schubert e em outras obras evidenciou mais uma vez os primôres do seu fino temperamento d'artista e os excepcionaes recursos de uma deliciosa voz. Da proficiencia d'esta illustre amadora, disseram bem alto duas das suas dilectas discipulas, Mad.<sup>elle</sup> Chambica e Madame Sauvinet Bandeira, mostrando-se esta ultima senhora, nas romanças que cantou, uma consumada artista, com todos os dotes de cantora *hors-ligne*.

Madame Vieira Marques cantou tambem duas novas composições de Rey Colaço, que foram muito applaudidas.



### Bibliographia musical portugueza

(Mediante a entrega de um exemplar sem indicação alguma manuscrita, publica-se n'esta secção o nome, autor e preço de cada uma das obras musicas que se editem em Portugal).

#### PIANO

ARCY (Léon d') — Bouderie, valse . . . . . 500  
 » » — Flirt, valse . . . . . 500



## PORTUGAL

No numero 42 da *Ilustración Española y Americana* precioso hebdomadario artistico que se publica no visinho reino, vemos com prazer o retrato de Alfredo Keil, acompanhado de algumas linhas de homenagem ás suas notaveis qualidades de musico, pintor e poeta.

Junto á legenda do retrato vem a declaração que a photographia foi fornecida por Antonio Soller, o illustre professor e compositor portuense, que é tambem uma das glorias musicas do nosso paiz (1).

Folgamos deveras que nos grandes *maga-zines* estrangeiros se comece a fazer justiça ás individualidades mais salientes do nosso Portugal, que apezar de pequeno em territorio não deixa de produzir importantes vultos, em todas as manifestações da intellectualidade.

\*

Temos á vista o programma de uma audição de alumnos do Conservatorio de Leipzig, em que figura o nome de Hernani Torres, alumno subsidiado pelo governo portuguez para completar a sua educação n'aquelle optimo estabelecimento escolar.

Hernani Torres tocou, e dizem-nos que com muito agrado e louvôr de todos os professores presentes, dois *Estudos* e uma *Polonaise* de Chopin.

\*

Consta-nos que vae apparecer no *Tiro e Sport* um desenvolvido estudo literario sobre o *Tristão e Isolda*, firmado pelo nosso amigo e talentoso homem de letras, Alfredo Pinto (Sacavem), cujas chronicas, n'aquella linda revista, tem sempre suscitado o mais vivo e merecido interesse.

O *Tiro e Sport*, que é talvez, sob o ponto

(1) Antonio Solier é ha cerca de 24 annos correspondente da *Ilustración Española y Americana* e n'essa qualidade tem feito conhecer nas columnas d'essa revista os factos mais importantes da nossa vida social e os homens que melhor a tem sabido illustrar.

Honra lhe seja!

de vista graphico, a nossa melhor revista illustrada, vae passar por importantes transformações no proximo anno, creando não só novas secções de assumptos sportivos e educação physica, mas chronicas estrangeiras, dramaticas, musicas, etc.

Sahirá a 10, 20 e 30 de cada mez.

\*

Esteve de passagem entre nós o violinista argentino Andrea Delmau, que veiu á Europa afim de realizar concertos em varias capitales. Consta-nos que á sua volta para a Argentina, se fará tambem ouvir em Lisboa.

\*

O ultimo numero de *A Nossa Patria* insere dois interessantes artigos de assumpto musical, a *Historia do Piano* e *A obra de Chopin*, este ultimo transcripto da nossa revista.

Agradecemos ao nosso brilhante collega a transcripção e a lealdade da referencia a esta folha.

\*

Encontra-se na Madeira a distincta cantora-amadora e pianista, sr.<sup>a</sup> D. Julia Ribeiro da Silva, que foi acompanhar seu esposo afim de procurar n'aquella excellente estancia alivios para os seus padecimentos.

Fazemos os mais ardentes votos pelas melhoras do sympathico enfermo.

\*

Encontra-se entre nós o tenor portuguez Julio Camara, de cuja carreira na Italia tem dado a nossa revista algumas noticias.

Está escripturado pelo empresario do theatro de S. Carlos para tomar parte em varias recitas durante a presente época.

\*

No proximo dia 7 effectua-se no salão do Conservatorio o concerto annual promovido pelo illustre professor Rey Colaço.

Ignoramos por ora a composição do programma, constando-nos porém que devem figurar n'elle, entre outras notaveis personalidades da nossa musica, uma distinctissima cantora, ha muito tempo afastada do nosso meio musical, a sr.<sup>a</sup> D. Ida Blank— e o talentoso violinista do sexteto do Gymnasio, sr. D. Pedro Blanch.

Rey Colaço fará tambem este anno as *matinées* populares, que terão logar nos quatro domingos de janeiro, contando para esse

efeito com importantes elementos artisticos. No numero d'esses elementos está ao que nos dizem, o distincto violoncellista inglez, sr. Somers Cocks, que ha pouco se encontra entre nós, na qualidade de consul da Gran-Bretanha.

\*

Será provavelmente a 14 de janeiro, e á noite, o proximo concerto da *Sociedade de Musica de Camara*.

Constará o programma de um *Concerto* de Bach, para *trompette*, flauta, oboé, trez violinos, violeta, violoncello e contrabaixo, de uma *Sonata* de Schumann para violino e piano e do *Quinteto* de Cesar Franck para piano, dois violinos, violeta e violoncello.

\*

Publica a folha official que a sr.<sup>a</sup> D. Adeline Rosenstock foi exonerada a seu pedido do logar de professora auxiliar de piano do Conservatorio Real de Lisboa.

\*

Em 2 e 14 do proximo janeiro vae o nosso illustre pianista Vianna da Motta realizar dois *recitals* na Sala Beethoven, de Berlim.

No primeiro programma figuram a *Aria com 30 variações* de Bach, a *Sonata* (op. 106) de Beethoven, e os *Estudos Symphonicos* de Schumann; do segundo fazem parte obras de Franck, Chopin, Blumenfeld, Albeniz, Chabrier e Liszt.

\*

Na capella privada dos srs. duques de Palmella effectuou-se este anno com grande solemnidade a missa nocturna do Natal. Toda a parte musical foi superiormente desempenhada por um grupo da *Schola Cantorum* das Officinas de S. José, sob a proficientissima direcção do Rev. José Concina.

No dia de Natal executou o mesmo grupo, na capella dos srs. marquezes do Fayal, durante as missas do meio dia e nas festividades da tarde, um escolhido repertorio de musica religiosa, que suscitou o maior agrado.

#### ESTRANGEIRO

E' extremamente brilhante o elenco de concertos que a *Sociedad Filarmonica Madrileña* promete para esta época aos seus associados.

Além de dois concertos do pianista Oscar Gabilowitsch, que já se realisaram no decurso d'este mez, haverá ainda dois concertos

em janeiro pelo Quarteto Petri, seis concertos em fevereiro e março pelo Quarteto Tchèque, trez concertos em abril pelo Trio Thibaud, Casals e Cortot, quatro concertos em maio por Clotilde Kleeberg e Joanna Culp, pianista e cantora — ao todo 17 concertos com programmas artisticamente escolhidos.

Todas essas audições se effectuam no Theatro Hespanhol, ás 5 horas da tarde.

\*

O theatro *Scala* de Milão, abriu no Natal a sua estação d'inverno com o *Crepusculo dos Deuses* de Wagner, levando á scena em seguida, entre outras obras, o *Oberon* de Weber, *Luiça* de Charpentier, e *Pelleas e Melisande*, de Debussy, bem assim, de Puccini a *Manon*, e *Mephistopheles* de Boito, *Iris* de Mascagni e a nova obra de Mancinelli, *Paolo e Francesca*.

\*

Existem actualmente na Italia 1517 theatros!

\*

Em 23 de maio do proximo anno e por occasião do anniversario da fundação da Republica na Argentina, abrirá ao publico as suas portas o grande theatro «Colon» em Buenos Ayres.

Toscanini está contractado para ir dirigir o mesmo theatro pela linda somma de 400:000 francos (80:000\$000 réis da nossa moeda), apenas por trez mezes!

\*

A opera *Marcella* de Giordano obteve successo no theatro lyrico de Milão.

\*

Leoncavallo trabalha actualmente n'uma nova opera que se intitula *Maya*.

\*

Trata-se em Paris da publicação d'uma grande obra biographica sobre Bizet. Por esse motivo um editor de Paris fez annunciar que está disposto a comprar originaes de cartas do grande artista e para esse fim dirigiu um aviso ás pessoas que as possuem.

\*

Uma nova serie de peças de orchestra de Paul Juan intitulada *Aus einem Tagebuch* obteve um grande successo em Utrecht.

## Caixa de Socorro a Musicos Pobres

Cumprindo a obrigação que nos impuzemos, aqui estamos a dar minuciosa conta aos nossos leitores e a todos os protectores da *Caixa de Socorro a Musicos Pobres* do estado actual d'este modesto fundo.

Os donativos, durante o anno de 1907, attingiram a verba de 205\$525 réis, que nos permittiram adquirir mais nove titulos de 4 % (1888), para juntar aos vinte que durante o primeiro anno conseguimos comprar.

Já este anno se distribuiram alguns pequenos subsidios a artistas necessitados. Bem poucos e bem pequenos foram elles para o que se precisava, mas o milagre dos pães fez-se só uma vez e não é de crêr que se repita.

Vamo-nos pois contentando com o que ha; diligenciemos sobretudo engrandecer esta tão necessaria fundação promovendo-lhe todas as receitas possiveis e sollicitando todos os obulos, que todos, ainda os mais insignificantes, serão recebidos com infinito jubilo e com infinita gratidão.

O balancete do anno que hoje finda accusa as seguintes verbas:

Entrada		Sahida	
Saldo de 1906:		Compra de 9 titulos de 4 % (1888)	191\$700
De juros.....	9\$135	Subsidios fornecidos:	
De capital.....	2\$700	Ao fundo d'inhabilidade do Monte-pio Philarmónico para um ou dois socios mais necessitados.....	9\$135
	11\$835	A Maria Luiza d'Aranjo.....	1\$000
Donativos durante o anno de 1907	205\$525	A Joaquim Cordeiro Fialho.....	2\$500
Juros cobrados (1.º semestre)...	8\$505	A Anna d'Oliveira.....	2\$000
			15\$635
		Saldo n'esta data:	
		De juros.....	2\$005
		De capital.....	16\$525
			18\$530
	225\$865		225\$865

### MAIS UM ANNO

Ao chegarmos ao fim d'este turvo anno de 1907 e ao percorrer com a vista o caminho andado, diz nos a consciencia que se não pudémos balisal-o todo brilhantemente, como tanto desejaríamos, conseguimos todavia, graças ao concurso amabilissimo e sempre valioso dos nossos illustres collaboradores, enriquecer a ARTE MUSICAL com algumas preciosas e inestimaveis paginas, cheias do mais substancial ensino e do mais literario relevo.

Não foi tudo quanto ambicionámos mas, louvado Deus, foi já alguma cousa, que os nossos dedicados assignantes sem duvida apreciaram.

Agradecendo aos primeiros a honra que á ARTE MUSICAL dispensaram, e aos segundos o acolhimento que o nosso jornal lhes tem merecido, de antemão contamos que uns e outros continuarão a auxiliar-nos n'esta nossa modesta mas patriótica iniciativa. Com esse testemunho do nosso cordial agradecimento, dignem-se todos conjunctamente acceitar affectuosos cumprimentos de boas festas e os votos que formamos pelas suas alegrias e prosperidades.

Os nossos collegas da imprensa tomarão n'estas linhas de saudação e de homenagem, a parte que por impulso de leal camaradagem muito e pontaneamente lhes trazemos, e aqui lhes fica em lembrança do anno que expira e d'aquelle que começa.



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo—Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.  
PARIS. — 334. RUE ST. HONORÉ.  
LONDON W.—10, WIGMORE STREET.

LOUIS RHEAD

## Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

## BECHSTEIN

43—P. dos Restauradores—49

## TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doencas do estomago em que haja dificuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA

## BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afniação segura — Construcção solida

## BERLIM—CAROL OTTO—BERLIM

PLEYEL WOLFF LYON & C<sup>IE</sup>

GRANDE FABRICA DE PIANOS E HARPAS  
PARIS



HARPA CHROMATICA SEM PEDAES

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

**PIANO DUPLO PLEYEL**

(SYSTEMA LYON PRIVILEGIADO)

Inventor:—ENG. GUSTAVE LYON, official da Legião d'Honra

PRESIDENTE DO JURY (CLASSE 17) DA EXPOSIÇÃO DE PARIS—1900

# GRANDE ESTABELECIMENTO MUSICAL LAMBERTINI

FORNECEDOR DA CASA REAL

## Enorme sortimento de musicas

PARA TODOS OS INSTRUMENTOS

Musica para canto — Musica de camara e de orchestra

REPRESENTANTE DOS EDITORES FRANCEZES

Edições economicas de Ricordi,  
Peters, Breitkopf, Litolf, Steingraber, etc.

PARTITURAS DE OPERAS

ANTIGAS E MODERNAS

Para piano e para canto.

HARMONIUNS AMERICANOS ❀ ❀ ❀ ❀

❀ VIOLINOS ❀ FLAUTAS ❀ BANDOLINS

GUITARRAS ❀ OCARINAS ❀ ❀ ❀ ❀

❀ VIOLAS FRANCEZAS E HESPANHOLAS

## METHODOS E MUSICAS

Para todos os instrumentos

Accessorios Alamirés Metronomos

Leitura musical por assignatura

500 RÉIS MENSAES

Peçam catalogos

Papel de musica francez

• DE •

SUPERIOR QUALIDADE

ESPECIALIDADE EM GORDAS ITALIANAS • • • • •

• • • • • para violino, violoncello, rabeção, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua do Jardim à Estrella, 12.*
- Alberto Sarti**, professor de canto, *Rua Castilho, 34, 2.º*
- Alexandre Oliveira**, professor de bandolim, *Rua da Fé, 48, 2.º*
- Alexandre Rey Colaço**, professor de piano, *R. N. de S. Francisco de Paula, 48*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerendas, 32, PORTO.*
- Candida Cilia**, professora de musica, piano e harmonium, *L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D.*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *R. da Penha de França, 23, 4.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.*
- Eduardo Nicolai**, professor de violino, *informa-se na casa LAMBERTINI.*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, A.*
- Francisco Bahia**, professor de piano, *R. Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.*
- Irene Zuzarte**, professora de piano, *Rua José Estevam, 17 r/c.*
- Joaquim A. Martins Junior**, professor de cornetim, *R. das Salgadeiras, 48, 1.º*
- Joaquim F. Ferreira da Silva**, prof. de violino, *Rua José Estevão, 50, 3.º, E.*
- José Henrique dos Santos**, prof. de violoncello, *T. do Moinho de Vento, 17, 2.º*
- Julieta Hirsch Penha**, professora de canto, *R. Maria, 8, 2.º, D. (Bairro Andrade)*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucila Moreira**, professora de musica e piano, *T. do Salitre, 19, 1.º*
- M.ª Sanguinetti**, professora de canto, *Largo do Conde Barão, 91, 4.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atafonas, 31, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *C. da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.*
- Rodrigo da Fonseca**, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.*

## A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida à Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA